



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números)	480000
OS MESES (até ao fim deste anno)	320000
SEMESTRE (26 números)	250000
NÚMERO AVULSO	10000
SUPPLEMENTO	9500
NÚMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*
 Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO
 115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 31 de Outubro de 1895

N. 26

A CIGARRA

Olavo Bilac, que desde o primeiro numero da *Cigarra* deu a esta illustração o concurso inestimavel e inegualavel do seu talento, por motivos alheios á vontade dos que ficam, mas mantendo integra a solidariedade de imprensa que a estes o ligava, deixou o cargo de redactor-chefe da *Cigarra*.

Se esta sahida nos desconsola e desalenta, os protestos de amizade e solidariedade com que ao realisal-a, nos penhorou, e a promessa formal de escrever a *Chronica*, fazem com que saibamos, n'este abandono cruel, ver no camarada de hontem, o amigo de hontem, de hoje e de sempre.



Entra para a redacção da *Cigarra*, como director litterario, o distincto escriptor Pedro Rabello, cujos trabalhos dispensam mais longa apresentação.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



On s'enlace
 Puis, un jour
 On s'en lasse...
 C'est l'amour.



Vocês já viram o *Salut militaire*? Ah! os bellos tempos da *Demi-siphon*, da *Rayon d'Or*, da *Etoile-filante*... Tantas outras, dis-

cipulas da *Nini*! O *Salut militaire* fazia-se assim, subito, perna ao alto, em continência. E ellas ficavam, hirtas, n'uma attitude militar de recruta, em face de *lieutenant*. Pois aqui estou eu agora, perna ao alto, fazendo o *Salut militaire* á gloriosa penna que desertou desta columna... *Salut, mon lieutenant!*

Na sexta-feira, cedo ainda, ás onze horas, soffri uma sacudidella derreante. Porque eu accôrdo cedo, ás onze horas; lavo-me e almoço frugalmente. E nem sei de homem de espirito, verdadeiramente digno desse nome, que coma como um alarve. Eu sou um homem de espirito. Accôrdo cedo e almoço frugalmente.

Ora, na sexta-feira...

Peço a vocês que se não esqueçam dos pontos aproveitaveis para a minha biographia, porventura encontrados no periodo anterior.

Na sexta-feira, em casa, accordado e vestido, gritei para dentro:

— José, o almoço!

José tossiu ao fundo da casa, o que nelle é signal de acontecimento fóra do commum, e veiu, circumspecto e grave:

— Saberá V. S. que hoje não ha almoço.

— E o meu bife?

José tossiu duas vezes (ah! quando elle tosse duas vezes, ou veiu abaixo o ministério ou a lavadeira não trouxe roupa engommada...) tossiu duas vezes, e disse, com um ar de mofa:

— Bifes, hoje, só na Trindade.

Tomei um ar digno. Eu sou um homem de espirito, mas por isso mesmo que sou um homem de espirito não supporto que outros o tenham. Tomei um ar digno, e retorqui, nobremente:

— José, ou vem o bife do açougue para casa, ou você vae de casa para a rua. Escolha!

E José replicou:

— *Fiat voluntas tua!*

O latim desarma-me. Primeiro, porque o não sei; o que não admira, porque tambem o José não o sabe. Segundo, porque sou incapaz de o decorar. E o José decóra-o. Uma phrase em latim deixa-me a impressão de que o sujeito que a pronuncia é um homem superior. Curvo-me e faço como nas missas, ajoelho. A'quelle *Fiat voluntas tua!* ajoelhei-me moralmente; voltei-me para o José. Um tão sagrado momento da nossa existencia em commum dava-me a idéa de que o criado era eu; o amo era aquella altiva creatura prodiga de suissas e de phrases em uma lingua morta, certamente conservada em sãlmoura pela duração que já tem.

— José — disse-lhe eu — você deixa-me sem almoço. Olhe que isso não é bonito.

— Não é bonito, mas é irremediavel. E não é V. S. só que o não tem; são todos. *Ab uno disce omnes*. Culpa da Central. Houve um desestradoamento ahí p'ra cima.

Um desestradoamento... Ah! meus amigos, desestradoamento é outra do José. Descarrilhamento diz elle que é para carris, carris urbanos. E sublinha — *Companhia de carris urbanos*. Para estradas de ferro é *desestradoamento*; sahír da estrada, da linha. Tambem se póde dizer desalinhamento mas não se usa. E José tem exemplos, e traz umas citações a proposito. *Verbi-gratia*...

A verdade, a triste verdade, é que realmente não havia bife. Não houve. Uma população inteira ficou durante 24 horas sem carne para comer. Porque? Porque uma locomotiva sahíu do trilho, disseram-me. Ora, se uma locomotiva sahíu do trilho, isso era mais uma razão para que as outras achassem o caminho desimpedido e viessem. Emfim, eu não sou muito entendiço nessas cousas. A verdade é que não houve carne, e fiquei sem a minha refeição. Refeição frugal, mas refeição; ou na expressão do José — *Dura refectioes sed refectioes*.

Faço votos para que todas essas cousas da Central voltem quanto antes aos seus eixos, quero dizer, aos seus trilhos.

Leio n'um jornal:

« O Sr. presidente da Republica offereceu á guarda nacional desta capital dois exemplares do dobrado *Prudente de Moraes*. »

Ora, eu sou doido pelos dobrados; por elles e pelas dobradinhas. Mas ás dobradinhas ainda prefiro os dobrados. Se ouço um delles na rua, reteso o corpo, firmo o passo e marcho cadenciadamente, ao som da musica. Não está em mim; é talvez, porque tenho militares na familia, mas não está em mim. Pois, apesar disso, a noticia do jornal deu-me uma dolorosa impressão.

Dolorosa — dir-se-ha —, mas dolorosa por que motivo? Ah! o motivo é bem simples, deuses de misericordia!

Nós começámos, em 1889, por uma duplicata de fundadores da Republica. Tivemos, depois, a dualidade da magistratura. Tivemos em seguida as duplicatas de governadores, as duplicatas de assembléas nos estados, as duplicatas de camaras municipaes. Tudo duplo, desde os vencimentos do functionalismo em tempo que não vae longe, até os representantes dos estados na Convenção do partido republicano federal. No meio de tudo isso uma cousa apenas se mantinha una e incontestada — era o poder executivo.

E agora, de subito, salta-nos o presidente da Republica — dobrado.

Finot.

EM PLENO !

Ha tres noites, n'uma enseada celebre. A casa era em frente, apalacetada, com um jardim de pallidas areias. Rosas amarellas grimpavam, tocando o gradil da varanda. Alto uma janella aberta, a do meio. Outras janellas fechadas. Acima de tudo, o luar.. Ah! meus amigos! quem me dera que eu fosse o luar para poder entrar assim, do alto, pela janella de Mlle. X..

*-

Em amor a precipitação é perigosa. Não sempre, ha excepções Mas, em regra, a precipitação é perigosa. Vamos devagar. Ainda ha tres mezes, o meu compadre Melchiades...

*-

Passa um electrico. Pela treva de onde elle sae, ficam espalhadas umas lugubres badaladas de Viatico em transito. E d'entre as muitas cabeças que alli vão, adormecidas, uma cabeça se ergue. Olha em roda, volta-se. O luar bate em cheio na janella de Mlle. X. E, á janella, os olhos de Mlle. batem em cheio no luar. E' um duello de luz. O bond segue, anda umas duas quadras. E o dono da cabeça acordada salta e vem.

A essa hora, o pae de Mlle. X está no 57. Os senhores não sabem o que é o 57. E' um numero fatidico, mas é um bom numero. Um numero que dá jantares de graça! Ah! meus amigos, junta-se alli muito boa gente; junta-se gente que janta. O pae de Mlle. ficou lá. O da cabeça acordada é que não ficou, veio. Mlle. está á janella. E o gradil da varanda é uma tão boa escada...

*-

Cae do alto uma recriminação — « A boas horas! » Braços que chegam erguem-se para braços cansados de esperar. Beijos quebram o silencio da noite; beijos estalados... Com vergonha o digo; beijos e-talados! Conhecem vocês alguma cousa de mais escandaloso do que um beijo estalado? Ah! mais escandaloso do que um desses beijos de loucura, só muitos outros beijos, ainda mais sonoros ainda mais doidos, ainda mais estalados! Mas, um ultimo beijo resda, no ar. Ha um rumor de quem salta para o assoalho; a janella fecha-se... Ondas voluptuosas morrem em frente, na praia arenosa. O luar cae do alto. A essa hora, o pae de Mlle. murmura:
— 27, em pleno!

*-

Uma pouca vergonha!

Marcial.

DO « INTERMEZZO »

(H. HEINE)

Ruge o vento outomnal... Brame a chuva, e mais venta,
Mais á atra noite augmenta o horror...

Onde, em meio a esta chuva e a esta aspera tormenta,
Onde estará meu pobre Amor?

Vejo-a posta ao balcão da alta alcova... Sósinha,
Sósinha, tímida, a chorar...

E na tréva profunda e na noite damninha
Mergulha o lacrymoso olhar...

Pedro Babello.



Faceira

Diz Junqueiro, em uma duzia de alexandrinos celebres, que a mulher, apenas sahida das mãos do Creador, passou ás mãos do demonio. Dera-lhe Deus, para encanto do homem e gloria da vida, a pelle cheirosa e branca, a bocca humida e vermelha, o seio redondo e claro, os olhos azues e profundos. Satan, porém, lhe quiz ceder contra o homem uma arma poderosa e terrivel. E deu-lhe a faceirice, dando-lhe um leque, feito de meia duzia de pennas das suas ázas de Rebellado...

Oh! o leque! — essa fragil, essa tenue, essa invencivel arma que, ás mãos da mulher faceira, secunda com tanta arte o meneio dos olhos e dos labios!... Realmente, o anjo Rebelde concedeu á creatura do sexo amavel muito mais, do que lhe havia Deus concedido. A belleza só nada póde.. Eu, por exemplo, obrigado a escolher entre a maravilhosa Venus de Medicis e a provocadora Faceira de Bernardelli Rodolpho, não hesitaria um minuto...

Ha dias, na rua do Ouvidor, conversava eu com Coelho Netto, o fulgurante poeta das *Balladilhas*, justamente sobre estas intrincadas e deliciosas questões de belleza e graça. Por Apollo! estava tão azul o céu, passavam tantas mulheres bellas, e, ás mãos dos vendedores de flores, os ramos de violetas se desfaziam n'uma tão entontecedora nuvem de perfumes!... que outro assumpto poderia, nessa clara tarde de agosto encher a nossa conversa?

E por nós, n'um arco-iris vivo, *toilettes* frescas passavam, rutilando. E olhávamos, com particular attenção, as meninas que viamos, creaturinhas de 8 e 9 annos, já preocupadas demais com as suas pequeninas pessoas, pisando com elegancia, espartilhadas e serias. E um de nós disse:

— Como não queres que as crianças sejam faceiras, n'uma terra em que ha o costume idiota de espartilhar meninas de nove annos? Isto é um horror que só aqui se vê... Pois se quando uma menina faz annos, em vez de lhe darem uma boneca, dão-lhe um adereço de brilhantes!...

O outro discordava. E dizia que a faceirice nasce com a mulher. O exemplo, o habito, a educação apenas exacerbam esse sentimento innato...

E tinhamos parado á porta de uma casa de modas. Dentro, guardadas pelas altas vidraças, fazendas e quinquilharias brilhavam. E, á entrada, pequenos manequins, sobre a soleira, de marmore, sustentavam vestidinhos de seda e linho.

— Olha! alli vem uma criança que não tem a minima noção de coquettismo! aquella que alli vem, maltrapilha e faminta...

Era uma pobresinha, de 7 annos talvez — face pallida, olhos tristes. Vinha pela mão de uma velha repugnante. Aos pés, trazia sapatinhos cambaios e rotos: e o seu corpo magro e moreno apparecia pelos rasgões do vestido sujo.

E, então, passou-se uma cousa commovedora. Quando chegou á porta do armazem de modas, a pequena esfarrapada teve um clarão rapido no olhar. Parou, detendo anciosamente a velha que a conduzia. E poz-se a palpár, com amor, com carinho, a fazenda de um dos vestidinhos expostos...

Uma commoção invencivel nos empolgava.

Um sorriso de supremo gozo brilhava á bocca da criança. E os seus olhos avidos contemplavam apaixonadamente o vestido. A velha arrancou-a d'alli, com um repellão brusco. Mas, de longe, ainda ella voltou varias vezes a cabecinha triste para remirar o encanto d'aquella toilette de criança, tão pobre para uma menina rica, mas tão rica para ella!

— Vês tu? estou em jurar que está infeliz passou por varias confeitarias, e viu, sem commoção, gulodices, doces e biscoitos... Mas, que queres? isto está na massa do sangue feminino!...

O. B.

TUDO PELA HORA DA MORTE

A. JOÃO FACAS



No dia 1 recebe
o seu orde-
nado
Numerosas ce-
dulas.



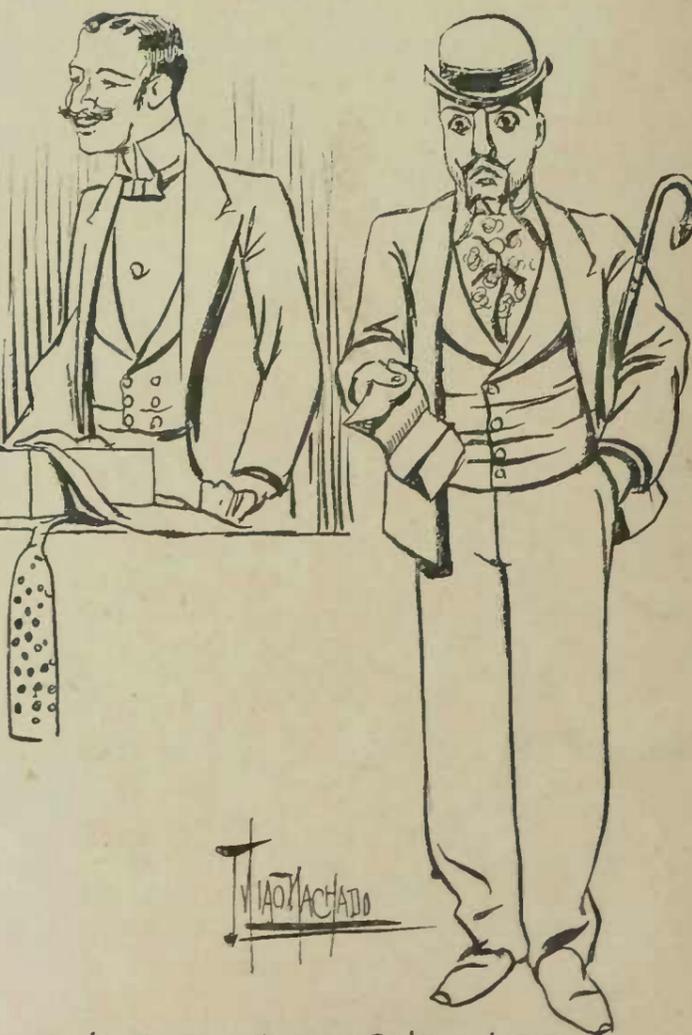
Mas apenas no seu quarto,
a patroa, manda a conlínha.
(Como a criada sorri, gor-
geta.)



Vem depois o alfyate. (Porque é preciso
que agente pague - misero mundo! -
até o fato que veste.)



Como comprou uma gravata na
Rua do Ouvidor, (não se diga
que Y não anda na porta.)



ao lembrar-se de que não tem charu-
tos e que compreendo bem como
São ephemerios os bens terrestres!

VIAO MACHADO



Hontem — que dia aquelle! a mão da sorte, hedionda
atirou-se à tua alma e deixou-t'a redonda!

Tu viste desfolhar-se a rosa da illusão
entre os dedos febris d'essa lendaria mão...
Que dia aquelle! Ardente o ceo azul queimava
os olhos, e a atmosphera era feita de lava.
As arvores do parque immovéis. A tua alma
abrazava tambem n'uma terrivel calma.
Ambos mudos. Mas nisto ao fim do bosque, incertos,
nós vimos oscillar dois guarda-soes abertos...
Desto um pulo. "TRAICÃO!" Um indicio tão vago...
Um guarda-sol... O diabo era que olinhas pagoo!
Pois bem. Os guarda-soes amaram-se. Deixal-os.
Tu podes ir la, furioso, assassinal-os...
Fazias mal. O sangue é um calmante velho,
mas deixa eternamente um reflexo vermelho,
sobre as coisas que o olhar d'ahi por diante vê...
Andaste heroicamente em perdoar-lhes, creê!
Tu bem sabes que o tempo é quem nos rínga. Aferra
antes de acometter agueza a garra e espera.
Esquece a infame. Espera. E enquanto esperas, ri!
Talvez que um dia nós ao voltarmos alli,
recordando a traição vilissima d'outrora,
Vejamos desfilar ao nosso olhar sereno
os mesmos guarda-soes e um guarda-sol pequeno.

Ruy Pardo.

GARRA
UM MÍDIO

(HISTORIA RECENTE)



Ah! a politica! Vejo n'uma folha que o Sr. Valladão adheriu ao partido republicano federal. A assembléa delle nomeou já os seus representantes á Convenção do meu amigo Glycerio. E eu pergunto a mim mesmo — Mas que diabo faz no meio de tudo isto o sr. Menezes Prado, que diabo faz o sr. padre Olympio de Campos, que diabo faz o sr. Geminiano Brasil?

Porque, de uma feita, quando na Camara estourou, como uma granada, o telegramma de João de Tal, delegado delle, Valladão, communicando que o presidente Calazans fôra mandado passear, o meu amigo Glycerio tirou do bolso da sobrecasaca o seu *pince-nez*, das occasiões solemnes, e disse que tal e que etcoetera, que era preciso manter a Constituição do Estado, que a Camara não devia reconhecer o Governo de João de Tal. E a Camara passou para Sergipe um telegramma levado da breca. E o meu amigo Glycerio, e o sr. Geminiano Brasil, e o sr. Menezes Prado, e o sr. Olympio de Campos entraram a se abraçar pelos corredores, e ficou resolvido que aquillo era contar um com o outro para a vida e para a morte, e para a prosperidade do republicano federal.

X

E o sr. Gouveia Lima começou a ficar com uns ares de peru meio morto para baptisado. E veiu a macaca e deu no sr. Gouveia Lima

O sr. Gouveia Lima era o membro valladonista da banca da de Sergipe na Camara. Quando elle se levantava e dizia — « Sr. presidente, mando um projecto á mesa. » — a Camara inteira resolvia que o projecto não era objecto de deliberação. Se o que elle propunha era um requerimento, a Camara despachava-o logo com uma fórmula muito semelhante áquelle. *Sellado, velle* das nossas secretarias de Estado. Se elle abria a bocca para fallar, a Camara toda punha-se a abrir a bocca em bocejos. E o sr. Gouveia Lima foi ficando encolhido no seu canto. E entregou-se o caso de Sergipe ao estudo de uma commissão especial. E o meu amigo Glycerio guardou o seu *pince-nez* das occasiões de borrasca.

X

Para mim o sr. Gouveia Lima estava frito. Pois não estava; o partido delle adheriu ao partido do meu amigo Glycerio. Os representantes de Sergipe na Convenção federal — quem o diria! — não são nem o sr. Geminiano, nem o sr. padre Olympio, nem o sr. Menezes Prado; os representantes de Sergipe são o sr. Gouveia Lima e o sr. senador Rosa Junior.

Ah! a politica! Um sujeito a quem eu expuz as minhas duvidas sobre esse caso, disse-me — « Olha Marcial, responde-me. Em que mez estamos? quando é que se fazem as eleições para a Camara? » Respondei-lhe que as eleições se fazem a um anno desta data, sem tirar nem pôr. E elle tornou-me, então, — « Em Outubro, não é? Em Outubro de 96. O Valladão, de direito ou de facto, tem a faca e o queijo nas mãos... E

tu não achas que sempre é bom ir ficando do lado de quem tem a faca e o queijo, Marcial? Pois tu não vês que a gente precisa de reeleger a maioria, Marcial? » E eu fiquei a pensar em que a politica deve ser assim mesmo, previdente e lucida. Mas tambem acho que lhe não ficava mal por sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da coherencia, *pour épater la galerie*.

Marcial.



LETTRE D'UNE FEMME DU « TOUT-LE-MONDE »

A *Cigarra* conseguiu a collaboração d'uma dama que estreia hoje no jornalismo.

Chère amie.

Pourquoi pas? Puisque ça va devenir la mode! J'adore la mode, moi! Seulement, ma chère, j'écrirai incognito, en cachette, à cause de Gugusse. Ah! ce qu'il m'attraperait s'il savait que je fais des tartines pour les journaux — moi, qui ai tant de vieux linge à racommoder! Car il est terrible, Gugusse! Et jaloux, donc! C'est pas moi qui lui avouerait que j'aime le le silence de M. Lopes Trovão — et, franchement — que ça soit dit entre nous, — pour rien au monde j'encourrais sa colerè à cause de cet illustre et long sénateur qui m'a l'air de *singer* les machines à coudre de ce fabricant connu, dites *silencieuses*. Moi, — s'il faut bien dire les béguins qu'on a — je préfère les bords du Nil — pardon! — je préfère Nilo, avec sen chapeau à grands bords, Nilo, dit le Peçanha. Avez-vous déjà remarqué la blancheur de ses dents? Ah! quelles dents, mon vieux! (*mon vieux!* ça se dit dans notre monde quand on est à la bonne franquette).

Gugusse, qui a de l'œil comme personne, ne peut pas le sentir! Bah! puisque c'est un béguin platonique!

Il peut m'empêcher certaines choses mais pour ce qui trotte dans ma tête — il peut bien se fouiller.

Ah! tiens! J'oubliais! Je crois qu'on pense à relever la musique sacrée. Voyez vous? Comprenez vous la musique sacrée sans les *ding dong*, des grosses cloches? Comment faire alors, cette musique chez-soi? Il faudra aller l'entendre dans les églises, à genoux, les yeux au plafond, avec l'air de saintes Nitouches, respirant cette satanée odeur de l'encens — pouah! — Ah! ce que je lui préfère votre *maxixe*!

Et me voilà un journaliste! Vrai! Je croyais que c'était plus éreintant!

Y.

P. S. — Et, surtout que Gugusse ne sache pas que c'est moi l'auteur de cette tartine. Je n'aime pas les tor niolles.

Y.

Valentim Magalhães acaba de dar á publicidade mais dois livros, ambos editados nitidamente pela casa Laemmert & C. O primeiro *Vinte contos* está em 2ª edição — conhece-o já o publico. O outro — *Philosophia d'algiberra*, formato miudo e sob o pseudonymo de Marcos Valente.

Dois bons livros aos quaes auguramos grande successo.

Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos a todos os nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que, quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



VIDA NOCTURNA

Se não fosse o sr. Sansone, ficaríamos sem opera este anno, o que pelos modos seria uma calamidade. Felizmente o antigo empresario, comquanto em 14 de julho do anno passado ficasse com o juizo e o Polytheama a arder, trouxe-nos uma companhia que pouco inferior nos parece a algumas que cá tem vindo, classificadas como de 1ª ordem.

A *Aida* causou surpresa: ninguem esperava tanto:

Não perdoamos, comtudo, ao tenor Vilalta o ter-nos enganado, annunciando, por musica, a filha de Amonasro como «fórma divina.» Quando ella appareceu, a decepção foi geral. Felizmente Elisa Bassi tem uma bonita voz, e se não é uma grande cantora, é, em compensação, uma cantora grande.

Foram muito applaudidos todos os artistas, e aqui os menciono por ser de justiça: a mencionada Bassi (*Aida*), Clotilde Sertori (*Amneris*), Vilalta (*Rudamés*), Arcangeli (*Amonasro*), Campello (*Ramphis*) e Coscolano (*o Rei*). Pedem-nos para declarar que aquelle Campello nada tem de comum com o da policia.



Só nos merecem elogios os córos, a encenação e a orchestra, quasi toda arranjada com a prata de casa e muito bem dirigida pelo *mietro* Boniccioli, o mais barbado de todos os regentes havidos e por haver.



Assistimos a um espectáculo da «companhia internacional de variedades» que está no Apollo, e batemos palmas a meia duzia de japonezes que nos pareceram pessoas bem equilibradas.

A dança das tres pequenitas é mais um fructo d'essa hedionda mania, que appareceu agora, de martyrisar crianças.

As irmãs Taylor introduziram a musica sacra no theatro, factio inauictio para o qual reclamo a attenção do critico musical do *Jornal do Commercio*.

Quanto a M^{lles} La Sirène e Della Nina, calculem os srs. que ellas exhibem umas dansas levadas do diabo, inventadas rezam os annuncios, por uma sujeita que se chama *Ralo de esgoto*. Sente-se de longe o aroma...

Mas, emfim, os japonezes são bons, muito bons, tão bons, que um d'elles — o mais feio — desempenhou em portuguez o papel de Simão 40 no 2º acto da *Mascotte*.



D. Emilia Adelaide Pimentel, que nos seus bons tempos ouvia declarações de amor do Santos Pitorra e do Tasso (Não vão agora pensar que é o da *Jerusalem libertada*: ella não é tão velha), agora só as ouve do Sr. Bragança. Esse é o *triste retour des choses d'ici-bas*.

O *Livro Negro*, que não é um livro máo, como o do escandaloso poeta Figueiredo (tambem Pimentel), está longe de ser um bom livro. Mas a peça tem situações das taes que, mesmo mal representadas, sacodem os nervos aos espectadores ingenuos.

D. Emilia Adelaide contractou os serviços de Furtado Coelho como ensaiador. Agora sim, não faltarão *centenarias* á empreza.



No *Eden-Lavradio*, os espectadores não têm ido com muita séde ao *Poço*, embora encantado. O theatro nunca está cheio., Dizem as más linguas que o mesmo não acontece á emprezaria... Veremos.

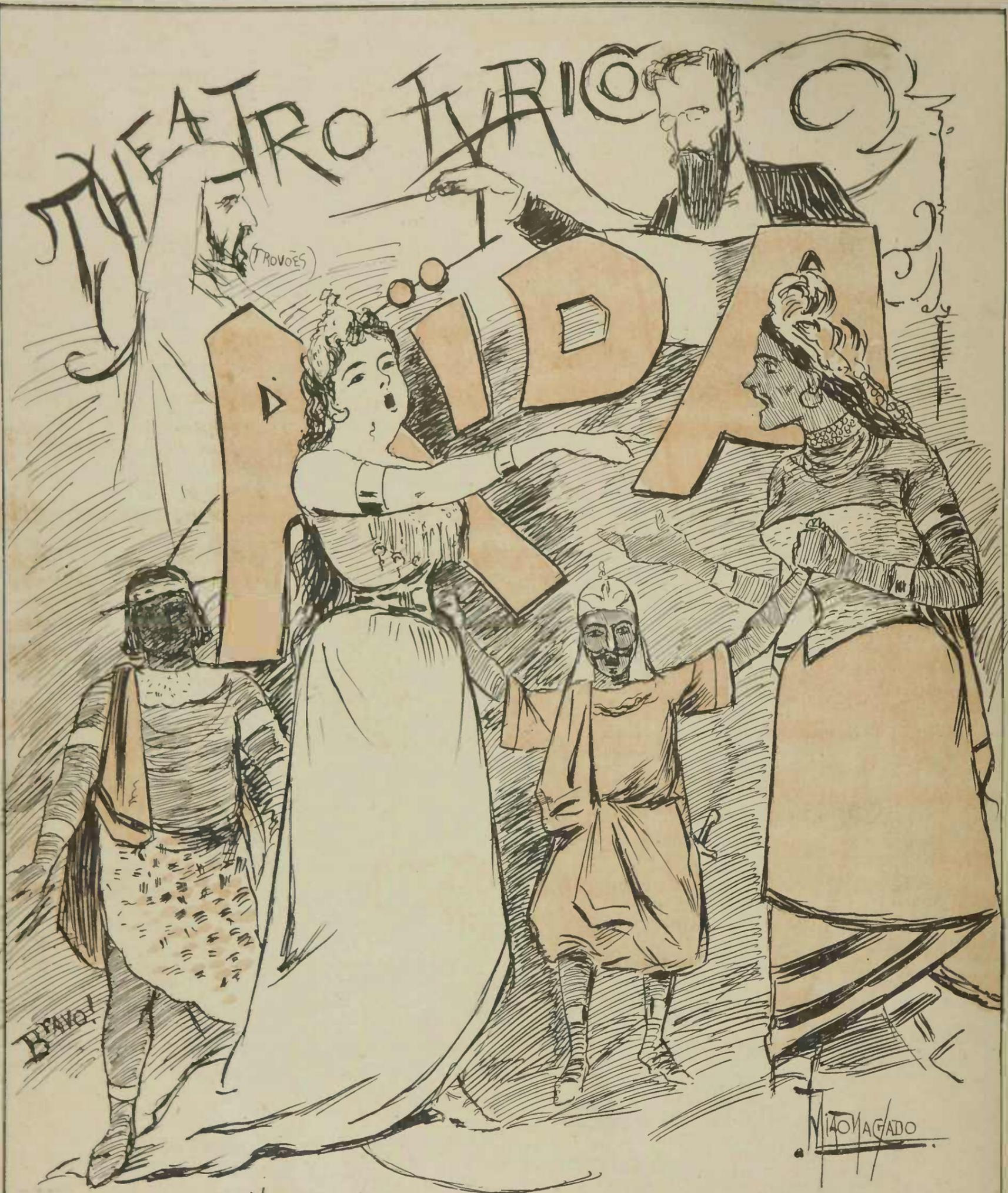
Acha-se em ensaios uma grande magica. E' pol-a quanto antes em scena, porque o *Poço* está esgotado.



Segundo nos consta, o curioso museu ceroplastico do *Lucinda* vae figurar n'um quadro novo do *Sai e Pimenta*, encarregando-se o popularissimo actor Brandão de mostrar e explicar ao publico a bella collecção que se acha na sala contigua aos camarotes. O theatro será interdicto ás crianças.

Damos esta noticia com todas as reservas.

João Piloto.



Vozes solidas, orchestra cuidadosamente regida, còros disciplinados, mise-en-scène acceiada, dançarinas com pernas authenticas (diz-se) muito interessantes - tuao muito bem no melhor dos theatros.

Eis o momento de arejar as casacas!